SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DE 25 DE ABRIL DE 2023

ATA

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e três, nesta Vila de Nelas e Edifício Multiusos, reuniu pelas dez horas e trinta minutos, a Assembleia Municipal de Nelas, em sessão extraordinária, para as Comemorações do Dia 25 de Abril.

O Senhor Presidente da Assembleia, Dr. José Albuquerque Vaz:

- Então, declaro aberta esta sessão extraordinária comemorativa das celebrações do 25 de Abril.

Bom dia a todos.

Muito obrigado por terem vindo.

Queria começar por cumprimentar o Senhor General António Ferreira do Amaral. Muito obrigado pela sua presença. É uma honra recebê-lo aqui na Casa da Democracia Municipal.

Cumprimentar o Senhor Presidente da Câmara, a Senhora Vice-Presidente, os Senhores Vereadores, os Senhores Deputados Municipais, os Senhores Presidentes de Junta, as Entidades Militares, outras Instituições, a nossa Guarda de Honra, todos aqueles que foram convidados e que estão presentes.

Muito obrigado por terem vindo.

Queria dizer que estamos um bocadinho atrasados já no horário das Comemorações.

Queria, só, simplesmente, dizer-vos o seguinte: Continuamos a acreditar no 25 de Abril e a sonhar com os Princípios da Democracia instaurada nesse dia. Mas melhor do que ninguém para falar sobre isso terá que ser um Capitão de Abril. E, por isso, eu dava a palavra ao Senhor General António Ferreira do Amaral para nos falar desses sonhos, concretizados, ou não.

Senhor General, tem V. Ex.ª a palavra. Poderá dirigir-se à Assembleia daqui ou aí, conforme for mais cómodo para V. Ex.ª.

O Senhor General António Ferreira do Amaral:

- Então, bom dia a todos.

As minhas primeiras palavras são para agradecer ao Senhor Presidente da Câmara Municipal o convite para participar nesta comemoração, concedendo-me o privilégio de o fazer com um estatuto de particular notoriedade que resulta do facto de ter integrado a liderança da Revolução com consequências positivas para os nossos compatriotas e tornar um Portugal um membro de pleno direito no concerto das nações com reconhecimento em todos os fóruns.

E saúdo com particular apreço o Senhor Presidente da Assembleia Municipal, que, se calhar, devia ter posto em primeiro lugar, os Senhores Vereadores, os Senhores Deputados Municipais e todos os que integram a Assembleia, incluindo os que diariamente aqui servem.

Falar do 25 de Abril de 1974, passados quase cinquenta anos, implica ainda mais uma referência breve ao enquadramento histórico e geopolítico em que ocorreu, mesmo que tal não tenha sido determinante na concretização da revolução.

Assim, a Europa, sendo o continente dos países colonizadores, foi varrida pela destruição da Segunda Guerra Mundial, o que a colocou perante uma onda descolonizadora que se espalhou pelo Mundo.

Poder-se-á dizer que esta vontade de Independência que se generalizou foi potenciada pela eclosão da "guerra fria" e, consequentemente, pela luta que a mesma provocou, na defesa ou imposição de ideais tão diversos e tão contraditórios.

Alguns dos países colonizadores aceitaram negociar, tendo outros, cujo exemplo mais conhecido é o da França, enveredado pelo uso da força para tentar travar o que haveria de se revelar inevitável.

As descolonizações, nas décadas de 50 e 60, logo a seguir à segunda Grande Guerra, foram ignoradas por Portugal, garantindo o regime de "estar orgulhosamente só a lutar contra os ventos da História".

Esta posição de aparente firmeza não tinha evitado a perda da primeira jóia do Império, símbolo maior da gesta fantástica dos Descobrimentos, então representada pelos territórios de Goa, Damão e Diu.

Para se ter uma ideia mais próxima da influência deste tipo de acontecimentos sobre a organização mundial das Nações, basta dizer que a ONU começou em 1948 com cerca de 50 países, integrando hoje 193.

Internamente, a década de sessenta do século passado, tão rica nas artes, na ciência, nas tecnologias e na inovação por todo o planeta, foi marcada pela mobilização da juventude masculina para combater em África, nas que então se chamavam províncias, em Angola, Moçambique e na Guiné.

Para muitos, a ida para a guerra passou a representar uma libertação da "apagada e vil tristeza" em que viviam, como dizia Camões e a possibilidade de juntar quinze ou vinte contos, que sustentariam os primeiros tempos da emigração e o pagamento aos "passadores".

E tal só era possível, porque no mato não havia nada onde se pudesse gastar pouco que se ganhava, e que correspondia à pequena fortuna de 5 euros/mês para soldados, 7,5 euros para cabos, 15 euros para furriéis, 25 para Alferes e 35 para Capitães. Desculpem a demagogia por uma correspondência que é tão real como fictícia.

Mas, se na guerra a vida não era fácil, na Metrópole teria que haver muita imaginação para gerir os parcos salários que eram complementados com os produtos dos pequenos talhões de terra, revolvidos no fim do dia de trabalho e se tornavam indispensáveis para o sustento familiar.

A neutralidade na Segunda Grande Guerra, muito valorizada pela propaganda oficial, conduzira o país ao isolamento. Portugal ia observando, com a distância que nos era imposta, a evolução e progresso da Europa a beneficiar da ajuda do Plano Marshall, para reerguer as ruínas, com a locomotiva alemã, impedida de investir militarmente, a liderar as movimentações das Nações para a união económica.

Concomitantemente, pudemos assistir ao primeiro passeio de um homem na lua, ao início vertiginoso da revolução tecnológica, ao riquíssimo período no campo das artes e até à descoberta da pílula oral contraceptiva que, destinada a limitar a explosão demográfica dos desfavorecidos, apenas explodiu no mundo mais evoluído.

Se o cenário externo era desfavorável, o interno não o era menos e agravar-se-ia com a aparição dos então chamados Movimentos de Libertação nas colónias africanas acicatados pelos efeitos da Guerra Fria e pelo apoio do Movimento dos países Não-Alinhados.

Se ao nível estratégico a hostilidade era patente, reforçada até pela animosidade inesperada do Vaticano, o ambiente na comunidade portuguesa, passados os primeiros anos a seguir "à ida rápida e em força para Angola", começou, a partir de meados da década de sessenta, a deteriorar-se.

Assim, no que me diz respeito, comecei a ter uma relação precoce com o 25 de Abril, pois foi nesta data de 1970 que embarquei no cais de Alcântara, comandando cerca de 130 jovens.

De todos eles, apenas três tinham frequentado o liceu ou as escolas comerciais e industriais e dois saídos dos seminários recentemente. A esmagadora maioria dos restantes militares tinha a 4.ª classe, pouco mais de uma dúzia tinham apenas a 3.ª classe e havia uns poucos que mal sabiam ler e escrever e que eram oficialmente designados por soldados básicos.

Isto é, a Educação era facultada a quem dispunha de recursos materiais ou a famílias que estavam na firme disposição de fazer os maiores sacrifícios para poderem proporcionar aos filhos o acesso aos estudos para além da 4.ª classe.

A mobilidade social podia assim ser conseguida, mas não se sabe à custa de quantos e de quais os sacrifícios que se tornavam necessários para a concretização dessas vontades.

Quase todos os meus subordinados provinham dos meios rurais, onde os males de saúde eram tratados com ervas e mezinhas, tal como se fazia desde os tempos imemoriais.

Eram raros os recursos à via hospitalar, em que sobravam carências e dificuldades, tornando-se isso possível com recurso a atestados de pobreza que as juntas de freguesia iam validando com relutância.

Segurança Social era uma expressão ignorada, substituída pela Providência Divina ou pela Previdência representada pela Cáritas que fornecia o leite em pó e o queijo com uma tonalidade amarelecida que provocava aversão, mas não impedia o consumo.

Os assalariados públicos não eram remunerados nas férias, havendo quem as não gozasse para não perder dinheiro e quem estivesse impedido de seguir esse mesmo caminho, como era o caso dos professores que estavam obrigados a gozá-las.

Neste quadro, a Guerra em Angola, e depois na Guiné e em Moçambique, ia mobilizando os rapazes de praticamente todas as famílias. A guerra ou a emigração, que explodira nessa década de sessenta, eram as portas que se abriam aos jovens, porque muito poucos, após porfiadas diligências, conseguiam ingressar no reduzido mercado do trabalho e, mesmo assim, só depois da apresentação da certidão de serviço militar cumprido.

E passou a haver uma inter-relação estreita entre a guerra e a emigração, porque o engenho português conseguiu transplantar para os subúrbios das cidades francesas os aquartelamentos africanos.

A insalubridade dos "Bidonvilles" poderia ser comparável à destes quartéis, julgando que a única grande diferença residiria na ausência do arame farpado. Nesta

realidade, ia-se alimentando o murmúrio de rotura que se propagava dos meios intelectuais para todos os extratos da população, atingindo as mais recônditas paragens do país, que não se resumiam a Portugal continental.

A guerra instalara-se no imaginário popular, convivia com as pessoas com a maior proximidade, e o Poder constatando a progressiva dificuldade de garantir os meios humanos suficientes para a dirigir no terreno, numa tentativa de aliciamento, produziu, em meados de 1973, legislação discriminatória entre os quadros militares provenientes de diversas origens.

Atingidos no seu enquadramento estatutário, os Oficiais do Quadro Permanente mobilizaram-se e, cerca de duzentos, reuniram-se perto de Évora para darem força a um processo reivindicativo a apresentar pelas vias legais. Esta foi a primeira e única reunião com estas características e a adesão maciça que provocou derivou da coincidência de estarem na Metrópole, no intervalo de comissões, a esmagadora maioria dos capitães que tinham ingressado na Academia Militar em 1963 e 1964.

No RI14, em Viseu, estávamos colocados 4 capitães do mesmo curso e em 09 de setembro de 1973 concretizou-se a citada reunião.

Face ao que era a voz corrente que já nem sequer se propagava em surdina e ao que já conhecíamos de duas comissões na guerra, e também ao que tinha sucedido na Índia em que o bode expiatório tinham sido os chefes militares, foi fácil concluir que só uma mudança radical no poder teria o efeito de alterar a situação.

E também não era difícil saber que essa mudança apenas podia ser realizada pela força e esta não haveria ninguém que desconhecesse onde a poderia encontrar.

Quando se deu o 16 de março, ainda hoje envolvido numa aura de mistério, e por isso sujeito aos mais despudorados aproveitamentos, já meia dúzia de Oficiais tinham sofrido o castigo de serem transferidos dos seus locais de colocação, entre os quais eu próprio.

Reportando-me agora ao caso de Viseu, em finais de março, um violento incêndio no parque de viaturas, cuja origem nunca se apurou, destruiu todos os meios auto, só escapando duas viaturas pesadas e a ambulância que, por qualquer razão, não estavam recolhidas.

O Regimento passara a ser comandado interinamente pelo 2.º Comandante, depois do falecimento do primeiro que sofria de hipertensão e tinha sido afectado violentamente com o referido incêndio.

Entretanto, neste período de meia dúzia de meses, foram realizadas várias reuniões, parcelares e preparatórias, para levantamento, por todos os quartéis do país, dos meios humanos e materiais que poderiam ser mobilizados para empenhamento na acção militar que se previa.

E assim se chegou a 23 de Abril sem que nada de muito significativo tivesse acontecido. Na noite de 23 para 24, por volta da uma da manhã, alguém me tocou à porta de casa.

Olhando pelo visor vi duas caras conhecidas de dois camaradas capitães, um deles mostrando debaixo do braço ostensivamente o jornal “A Época” que era a senha que o identificava como portador da mensagem que esperávamos.

Tinham tido na viagem uma dificuldade inesperada. A panela do escape rompera-se, e desde Santa Comba Dão, certamente por mero acaso, vinham despertando tudo por onde passavam.

Como era preciso levar a Ordem de Operações também a Lamego, havia a solução de lhes emprestar o meu carro ou ir eu próprio a conduzi-lo. Como fui eu a conduzi-los, tal apenas significa que o meu 25 de Abril começou vinte e quatro horas antes.

E durante todo o dia de 24 de Abril andei com a Ordem de operações metida entre o peito e a camisola interior. Foi assim que integrei a formatura das 16 horas de 24 de Abril em que assumiu as funções de Comandante um Coronel que só teve tempo para receber as honras regulamentares, as apresentações de Oficiais e Sargentos e assinar a Ordem de Serviço para o dia seguinte.

Refiro isto para salientar que um dos valores fortes que enforma a instituição militar é o da lealdade e se em relação a outros superiores lhes foi sendo comunicado a informação possível sobre o que se preparava em segredo, relativamente ao novo Comandante tal não aconteceu por razões que são óbvias.

Depois, por acção de cerca de duzentos Oficiais, esmagadoramente capitães, contando com o beneplácito ou apoio da generalidade da população, foi possível pôr na rua a revolução, que ainda hoje constitui uma referência por esse mundo fora, onde acções com alguma semelhança têm revelado inusitada violência que extravasa o limite do tolerável.

E, às 23 horas, os então emissores dos Associados de Lisboa transmitiram o primeiro alerta "E depois do Adeus" na voz de Paulo de Carvalho. Julgo que era a canção do Festival da Canção desse ano.

Não é importante, mas ainda hoje relembro as conversas acesas com o meu camarada Diamantino Silva, pois eu sempre disse que a tinha escutado esta senha, rebatendo ele que era impossível por o alcance da emissora ser apenas de 200Km.

A transmissão da "Grândola Vila Morena", à meia-noite e vinte minutos, então na Rádio Renascença, levou-nos ao quartel uns minutos depois, onde os portões nos foram abertos, conforme combinação prévia com o Oficial de Dia e o Sargento da Guarda, que detinha a chave da entrada e era por mera coincidência um garboso militar natural aqui de Nelas.

Faço aqui um pequeno parêntesis para dizer que a "Grândola Vila Morena" foi escolhido como a senha do 25 de Abril porque as canções de intervenção estavam, na altura, numa certa moda. Tinha havido um Festival no Coliseu dos Recreios de Lisboa no mês de março e a "Grândola Vila Morena", por curiosidade e por espanto de todos, provavelmente, foi a única canção que não tinha sido censurada. Toda a letra é, exatamente, igual à do início.

Mesmo dentro do quarte, mesmo nas breves horas que se seguiram foi necessário remediar a dificuldade de convencer os que não podiam ir para Lisboa, porque a escassez de viaturas o não permitia, mas não deixa de ser marcante que todos queriam participar activamente na operação.

Por volta das cinco da manhã, provavelmente alertado pelo Quartel-General da Região Militar, porque não era possível esconder durante muito tempo as movimentações de colunas militares em vários pontos do país, apareceu à porta do quartel o novo Comandante intentando cumprir a ordem que teria recebido.

Da parte de dentro, o capitão Ramalho e eu comunicámos-lhe o que estava a acontecer, confrontando-o perante as duas alternativas possíveis: ou entrava aderindo à revolução passando a comandar as tropas ou não aderia e teria de se manter fora do quartel. Não demorou muito a conversa, ele disse-nos o que entendeu e retirou-se. A carrinha do padeiro entrou, como de costume por volta das seis da manhã sem aparentemente ter suspeitado de nada, e até às nove da manhã nem o facto de os portões terem permanecido encerrados terá despertado grande curiosidade, a não ser dos poucos automobilistas que começavam a ouvir na rádio os comunicados do MFA e buzinavam ao passar em frente do quartel.

Depois, tudo decorreu conforme o planeado. Cada um dos três Dês que constavam do programa do MFA: Democratização, Descolonização e Desenvolvimento que hoje podem ser escrutinados por todos os nossos concidadãos, hoje já libertados de qualquer tipo de amarras.

É minha obrigação fazer uma referência especial às mulheres desses cerca de duzentos Oficiais que também não dormiram nessa noite. Como facilmente podem imaginar, quase todos éramos casados há pouco tempo, tínhamos filhos bebés, o risco era elevado mas todas elas formaram uma retaguarda forte e poderosa que muito contribuiu para o êxito da revolução.

Que eu me lembre nunca nenhuma, ou alguém por elas, reivindicou o papel de heroínas, mas qualquer uma delas se pode associar como participante activa, e com toda a legitimidade, ao 25 de Abril de 1974. Aliás, é importante dizer que os maiores beneficiários do 25 de Abril são precisamente as mulheres.

Durante tanto tempo a serem estigmatizadas, até pelos próprios pais, por só servirem para a procriação e as lides da casa, estão hoje a reivindicar pela igualdade de género e a demonstrarem, nas mais diversas ocupações, qualidades e virtudes que, não poucas vezes, as distinguem positivamente dos desempenhos masculinos.

E, porque estamos numa casa que é um símbolo do Poder Local, termino com uma breve, mas justa referência a este mais novo poder que se reafirma com toda a vitalidade à medida da passagem dos dias.

Recordo-me do papel das antigas Câmaras Municipais e das Juntas de Freguesia quando passavam as licenças dos cães e de outros animais, aferiam os pesos e as medidas, tinham fiscais para algumas funções e cobravam derramas e impostos, sendo simplesmente tentáculos amestrados do Poder Central.

A realidade é agora bem diferente. Tendo poucos menos anos que o 25 de Abril, permitam-me que diga que este Poder é uma das consequências mais diretas desta Revolução, exercendo-se de forma pujante, sob o escrutínio dos eleitores a quem se submetem com a proximidade que envolve maior objectividade e transparência.

Espero que não tenha sido demasiadamente maçador. Fico muito agradecido pela atenção que me dispensaram. Desejo que possam continuar a comemorar esta data e que as vossas vidas pessoais, familiares e profissionais tenham os êxitos e as alegrias que ambicionam.

Muito obrigado.

(Palmas)

O Senhor Presidente da Assembleia:

Então, depois desta brilhante intervenção do Senhor General passamos ao ponto seguinte da Ordem de Trabalhos que é a Intervenção da Senhora Carlota Marques. "O 25 de Abril na perspetiva dos Jovens". Faz favor.

A Senhora Carlota Marques:

- Bom dia a todos, antes de mais.

Começo por agradecer o convite ao Município de Nelas e por parabenizar esta excelente organização um pouco diferente do que temos visto nos últimos anos. Portanto, começava por parabenizar estas comemorações do 25 de abril.

O meu nome é Carlota Marques e, estou aqui presente enquanto presidente de uma associação juvenil, a Associação INterioriza-te, venho trazer-vos a minha perspetiva jovem sobre as implicações de abril.

Começando com o enquadramento da minha história, antes de regressar aqui ao interior, a Nelas, estive um ano emigrada na Roménia e antes de ir para a Roménia estive em Lisboa.

Na Roménia, quando cheguei, muitos, principalmente romenos, ficaram surpreendidos com esta minha mudança e questionavam-me: "O que? Vieste de Portugal para aqui? Porquê? Aqui as infraestruturas são péssimas e há muita corrupção". Foi gratificante, logo à chegada, ouvir falar tão bem do meu país. Contudo, ao fim de 2 semanas, voltavam-me a coloca estas questões e eu já respondia: "Pois, mas a verdade é que aqui nunca esperei mais de 5 minutos pelo metro, já em Lisboa muitas vezes, atrevo-me a dizer quase diariamente cheguei a esperar 10 minutos. Ah, e, quanto a corrupção, isto foi em 2019, nós temos um ex-primeiro ministro que já esteve detido também em 2014 por suspeitas de crimes de corrupção".

A reação deles era no mínimo engraçada e de grande perplexidade porque a ideia, efetivamente, é de um Portugal com muito sol, muita tranquilidade e para os Romenos, um País muito avançado.

Isto é interessante e aqui trata-se da liberdade de podermos viajar, conhecer e integrar diferentes culturas tem isto de fantástico: podermos refletir sobre a nossa realidade, a dos outros e, quem sabe, alterar o modo como vemos a nossa envolvente.

Algo semelhante acontecia quando o tema de conversa com intervenientes de várias nacionalidades eram as tradições.

E trago-vos aqui um tema talvez um pouco controverso. Espero não ofender ninguém. Mas ficava constrangida quando falávamos sobre a tradição das touradas, explicar o espetáculo/conceito provocava reações nas pessoas que não têm este costume como tradição, que ainda mais me fazia não apreciar/aprovar este nosso costume.

Mas, se havia tema que mais me orgulhava, era e é, a revolução de 25 de Abril! Aliás este tema era muitas vezes referido logo quando revelava a minha nacionalidade, para além de Cristiano Ronaldo, claro. O reconhecimento a nível internacional de um evento revolucionário pacifico que nos libertou de uma ditadura é notável!

Já o sentia antes, mas a verdade é que este reconhecimento internacional fez que com sinta agora ainda mais orgulho no nosso país e no movimento militar que liderou este feito.

A revolução dos cravos permitiu:

- a liberdade de escolha, de expressão
- o direito ao voto
- desenvolvimento politico-social do país
- a abertura ao resto do mundo; permitiu que a geração dos meus pais pudesse viver os fantásticos anos 80, que no tempo do "orgulhosamente sós" duvido que chegasse tão facilmente;

E podíamos ficar aqui a manha toda a detalhar uma lista das liberdades que nos foram dadas.

Agora, 49 anos depois, temos nesta sala quem viveu no pré e o pós 25 de Abril, alguns com viva memória, outros nem tanto pela tenra idade à data, e quem a viveu apenas nos pós.

Gerações, portanto, com contextos bastantes diferentes! Uma mais antiga que tem presente anos de ditadura, uma que cresceu a par com os atribulados primeiros anos pós ditadura e a minha, por exemplo, que ouve apenas as histórias que ficam para contar destes tempos.

Este cenário resulta num desafio social. Como podem conviver em sociedade gerações com contextos e influencias tão diferentes? Tenho achado cada vez mais interessante a análise destas diferenças geracionais e como elas se denotam tão bem na nossa sociedade. Pertenço a uma geração que anseia por ainda mais liberdade, liberdade de sermos quem quisermos sem represálias ou julgamentos. Mas e as outras gerações? Pelo contexto e influência que falei há pouco, poderão ainda ver alguma dificuldade nesta "liberdade tão liberta"? Eu penso que sim.

Penso que falo pela minha geração quando digo que 49 anos depois já poderíamos estar noutro nível, comparando até com alguns conterrâneos europeus. Contudo, sei que temos, e aqui falo para a minha geração, de respeitar e compreender quem não nasceu e cresceu neste mundo liberal e globalizado. Não significa deixar de lutar pelo que acreditamos, mas creio que o devemos fazer com paciência.

Não posso também deixar de aproveitar o momento para pedir igual compreensão no sentido inverso, para com os jovens que têm uma vontade enorme de evoluir e que têm como visão uma sociedade mais igual e livre de preconceitos.

Ou seja, a meu ver, a chave para desencadear este desafio social é o respeito e compreensão entre gerações.

Ao longo deste discurso falei em várias formas de liberdade, liberdade de expressão, de escolha, de sermos nós próprios, de viajar e muitas mais poderia ter falado…

Porém, queria agora deixar uma mensagem, uma crítica construtiva à minha geração, na qual me incluo naturalmente, pelo que será também uma autocrítica… With great power comes great responsability! Uma frase chave que em qualquer filme de super-heróis, surge normalmente quando estes se encontram numa luta interna do como aplicar da melhor forma o poder que lhe foi dado. Ora esta é precisamente o nosso caso! Foi nos dada a liberdade, e agora? Como vamos tirar maior proveito dela para contribuir para o crescimento da nossa sociedade? É importante não nos esquecermos que o poder da liberdade traz responsabilidades!

Se me orgulho de pertencer a uma geração com a visão de uma sociedade mais igual e livre de preconceitos, ao mesmo tempo preocupa-me a sensação de liberdade como um dado garantido, que resulta numa postura de indiferença face às

responsabilidades e compromissos. Como crescemos num mundo livre, não sabemos o que é não o ser, ou pelo menos não o experienciamos.

Noto, na atividade que desenvolvo, não só profissionalmente, mas também na Associação, que nós jovens temos alguma dificuldade em aceitar compromissos. Algo que penso que poderá ser consequência do mundo globalizado.

Em termos práticos, pensemos por exemplo que em gerações mais antigas seria natural a ideia de manter um cargo ou desenvolver carreira na mesma entidade para toda a vida. Para mim, e penso que falo por muitos jovens, essa ideia é até por vezes assustadora. Fazer a mesma coisa para o resto da vida? Para há tanto para ver! Há tanto para descobrir! A verdade é que, num mundo livre e globalizado é normal que queiramos ser livres para o descobrir.

Contudo, como pode um país e as várias instituições / entidades evoluir com tal instabilidade? Qual é o meio-termo? Como podemos manter o equilíbrio entre desenvolvimento pessoal e das entidades? O que me leva até a outra questão… Estaremos nós a colocar o nosso crescimento e desenvolvimento pessoal num nível de prioridade tão alto que esquecemos a noção de sociedade e cooperação que nos suporta?

Em suma, estaremos nós jovens a aplicar o nosso poder de liberdade da melhor forma?

Questões para as quais não tenho resposta, mas acredito que o respeito, a paciência e a reflexão são fundamentais para uma sociedade livre e justa

E, assim, concluo. Espero que tenha sido útil para refletir e penso que poderemos avançar com as comemorações deste dia que nos trouxe este Dia da Liberdade.

Muito obrigada.

(Palmas)

O Senhor Presidente da Assembleia:

- Muito obrigado Carlota.

Segue-se um momento musical a cargo do Grupo Sénior da Escola Musical de Artes de Nelas.

Sr. Professor Justo

- Nem de propósito, parece que o nosso Colega já está aí.

E há coincidências engraçadas. O nosso Colega é oriundo do Brasil. É também um apaixonado pela música portuguesa e por Zeca Afonso e não conhecia este tema.

E eu disse: Ainda para mais, tu estás connosco, temos que tocar o Alípio de Freitas. E, se calhar, há muita gente na sala que pergunta quem fui Alípio de Freitas.

Bom, Alípio de Freitas foi um Padre, não me perguntem como, destas coisas que eu também não entendo, mas era casado e tinha uma filha. E foi um grande Homem da Luta, não só em Portugal, mas depois expandiu a sua veia revolucionária, defensor dos Direitos Humanos, defensor das Igualdades.

E foi para o Brasil trabalhar e formou, com Francisco Julião, as Ligas Camponesas e colaborou muito no Movimento dos Sem Terra. E isso valeu-lhe 10 ano de detenção na prisão sob tortura.

E escrevia quando conseguia, ou fazia chegar mensagens. Eu penso que não escrevia porque a censura não o deixaria, fez chegar a Portugal a notícia que: Diz

Alípio à nossa gente, quero que saibam aí que no Brasil já morreram na tortura mais de mil.

Mas, como a letra diz e muito bem: Não me importa que me matem, outros amigos virão. E houve sempre quem desse o corpo às balas e quem desse o corpo à luta e que tornasse possível que os mais fracos e os mais desprotegidos conseguissem defender os seus direitos.

.....

Muito obrigado por nos receberem. Gostávamos de ter estado a três. Garanto-vos que teria sido bem melhor e que nós também nos teríamos divertido mais e tínhamos ensaiado dessa forma. Ficámos um pouco tristes, mas ninguém controla estas pequenas vicissitudes da vida e esperamos que esteja tudo bem e que não haja problemas de maior.

Obrigado a todos.

(Palmas)

O Senhor Presidente da Assembleia:

- Bem, obrigado.

Então, vamos promover agora o encerramento das comemorações dando a palavra ao Senhor Presidente da Câmara.

O Senhor Presidente da Câmara, Dr. Joaquim Augusto Alves Amaral:

- Então, muito bom dia a todos e a todas.

Obrigado pela vossa presença nesta Sessão Solene das comemorações do 25 de Abril.

Começaria, naturalmente, por cumprimentar a Mesa.

O Ex.m.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, o Senhor Dr. José Vaz.

O Executivo, a Senhora Vice-Presidente, os Senhores Vereadores.

O nosso convidado especial, o Senhor Tenente-General António Ferreira do Amaral. Obrigado também pela sua presença e por nos honrar com o testemunho de Excelência que nos fez e que, amavelmente, partilhou connosco, o nosso agradecimento.

Naturalmente, cumprimentar as Senhoras e os Senhores Deputados Municipais.

Os Senhores Presidentes de Junta de Freguesia.

Também deixar um especial cumprimento e agradecimento ao Comando da GNR, ao Senhor Sargento-Adjunto Paulo Silva. Obrigado pela sua presença também.

Também agradecer, de igual modo, ao Regimento de Infantaria 14, ao Capitão Gonçalo Santos. Obrigado pela sua presença também.

Aos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim e de Nelas, nos seus Comandos, nas suas Direções.

À Delegação da Cruz Vermelha de Santar, também presente.

Minhas Senhoras e Meus Senhores.

Representantes do Mundo Associativo também do nosso Município.

E, naturalmente, um agradecimento especial à Guarda de Honra pela presença sempre também, passo o pleonasmo, que muito nos honra com a vossa presença que muito dignifica esta nossa comemoração. Obrigado também pela vossa presença.

Umas breves palavras também sobre o 25 de Abril e a forma como foi organizado o Evento pela Assembleia Municipal, naturalmente, pelo Senhor Presidente, em consonância com os Grupos Parlamentares.

Nós, este ano tivemos a ideia de comemorar o 25 de Abril desta forma ligeiramente diferente.

Aproximamo-nos de uma data histórica para a ano. Ainda estamos neste ano e já estamos a falar no ano que aí vem. Mas, no próximo ano iremos comemorar 50 anos do 25 de Abril. Meio século. Um número redondo que merece, naturalmente, um esforço acrescido.

E é uma exigência grande para nós porque com as comemorações que fizemos este ano, que eu acho que são inovadoras em muitas das suas atividades, imputa-nos a nós grandes responsabilidades a todos nós nas comemorações dos 50 anos.

Dizer que nós começámos, no dia 23, com a Caminhada da Liberdade, uma Organização do Dão Nelas, precisamente para haver esse convívio, digamos assim, entre os Munícipes e também para quem vem de fora porque nós regozijamo-nos em ser um Município que recebe bem e tivemos largas centenas de participantes no que foi a comunhão do que também o 25 de Abril e a Democracia nos traz, que é esta partilha e que é este convívio, sem barreiras e sem constrangimentos.

No dia 24 tivemos uma Ação, deveras notabilíssima, aqui também que foi a Assembleia Municipal Jovem também, onde tivemos alunos dos Agrupamentos de Escolas de Canas de Senhorim e de Nelas, do 12.º ano, do Agrupamento de Escolas de Nelas e do 10.º e 11.º anos do Agrupamento de Escolas de Canas de Senhorim e onde recriámos uma Assembleia Municipal muito participada, Senhor Presidente da Assembleia, com sugestões também dos Jovens, onde ficou agendado, inclusivé, que a partir desta data iremos regulariza-la mais amiúde e ficam também todos convidados depois para uma próxima sessão que será, em princípio, em outubro.

Dizer também, felicitar e agradecer ao CLDS pela organização de um Evento notabilíssimo, eu diria inovador também, porque, geralmente, nas comemorações, nós fazemos as comemorações do 25 de Abril e bem, naturalmente, mas nós, o desafio que foi lançado foi reconstituir o 24 de Abril.

Obviamente, a la palaciano, para haver 25 de Abril teve de haver o 24. Mas há uma importância histórica fundamental no 24, que foi, superiormente, organizada ontem pelo CLDS com o apoio do Movimento Associativo e da Junta de Freguesia de Canas de Senhorim e que resultou num momento, que toda a gente testemunhou, de grande qualidade, de grande elevação e excelência também.

Dizer que esta sessão comemorativa assinala, naturalmente, o que é a parte protocolar das nossas comemorações e o objetivo, este ano, foi darmos uma visão do que foi o 25 de Abril.

De um lado, a presença do Senhor Tenente-General António Ferreira do Amaral, que é, claramente, diria, peço-lhe desculpa, uma Bandeira do nosso 25 de Abril, da nossa Democracia e personifica ele próprio um momento em que nós podemos estar aqui também. E eu começaria agora também por lhe pedir, uma vez mais, um tributo e um forte aplauso pela sua partilha que teve connosco e por nos ter presenteado com a sua presença hoje.

Obrigado Senhor General.

(Palmas)

Dizer que, naturalmente, o Senhor General fez-nos aqui a perspetiva do que foi o 25 de Abril. Mas, antes disso, fez-nos o enquadramento histórico do que foi o antes, como é que era a nossa sociedade, qual era a conjuntura da geografia mundial. E, depois, também o paralelismo do durante o 25 de Abril, com tudo, as vicissitudes, com todos os acontecimentos e o dia a seguir,

E esse enquadramento e essa a alocação notável, brilhante que o Senhor Tenente-General fez, depois foi complementada e muito bem, com o que teve os três D´s como nós falámos aqui.

A Democratização foi feita e por isso também nós estamos aqui. Há ainda um caminho a percorrer. Nunca está o caminho todo feito. Mas o caminho grande da Democracia já caminha para 50 anos.

A Descolonização está feita. E há um outro vetor aqui que é um vetor essencial também que estava subjacente a Abril que o D de Desenvolvimento. E este D de Desenvolvimento tem muito a ver com a Sociedade, com a Sociedade que mudou e na alocução, quer do Senhor Tenente-General, quer da Carlota, a perspetiva dos Jovens também. O presente com uma perspetiva de futuro.

É importante que haja esta intergeracionalidade, que não se perca. Nós comemoramos o 25 de Abril, mas é bom que esses valores continuem colocados na nossa Sociedade e nos nossos Jovens, em particular. Eles sabem, estão informados. Mas há coisas que convém estarmos sistematicamente a dizê-las, que é importante partilhar isso.

E a Carlota fez também uma alocação notabilíssima, como era expectável. E personaliza, ela própria, também o que é a ideia do que nós temos para o Município e para o nosso País. Uma Jovem, bem-sucedida, eu diria, empresária, líder associativa, que personifica o que é um Jovem nosso que vai estudar, que segue o seu percurso académico, que vai para a Universidade, que faz o seu percurso, que anda pelo mundo também. Diria 7% do mundo, não foi Carlota? Daquilo que nós falámos há pouco. E que, com esta vivência toda, depois regressou á sua Terra Nata, ao nosso território.

E ela personifica, digamos assim, aquilo que nós pretendemos, que os nossos Jovens vão, conheçam o mundo e depois tudo aquilo que tudo que é reportado de conhecimento, de experiência, o ponham em prática no nosso território. E a Carlota é o lidimo exemplo disso. Uma Jovem que veio, que se fixou, que é empresária e que não se confinou a esse momento. Além disso, a Carlota, com outros Jovens, fundou uma Associação notabilíssima, que é o INterioriza-te, que contribui, é um Parceiro do Município, para promovermos esta fixação dos nossos Jovens, para contribuirmos também com políticas ativas que façam com que os nossos Jovens regressem, não todos, não de vez, mas que também que sejam os nossos Embaixadores, as nossas Embaixadoras, que sejam, simultaneamente, eles, que tragam valor, que tragam experiência, que a ponham no Município e que, de alguma maneira, contribuam também para o arejamento do que são as ideias, do que são os objetivos deste território, deste Município.

Termino, naturalmente, da forma como nós teremos que terminar uma cerimónia destas.

Viva o 25 de Abril!

Viva o Concelho de Nelas!
Viva Portugal!
Obrigado.
(Palmas)
O Senhor Presidente da Assembleia:
- Então, vamos agora, mesmo para encerrar, ouvir o Hino Nacional.
Ouviu-se o Hino Nacional.
(Palmas)
O *Senhor Presidente da Assembleia*:
- Muito obrigado a todos.
Viva o 25 de Abril!
Viva o Concelho de Nelas!
Está encerrada a sessão.

Nada mais havendo a tratar, o Senhor Presidente da Assembleia deu por encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente ata que depois de aprovada, vai ser assinada nos termos da lei.

Presidente:

Secretária: